

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

THAMYRES DE SOUZA NASCIMENTO

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA DE VIDA E
EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS INCLUSIVAS**

VITÓRIA-ES

2018

THAMYRES DE SOUZA NASCIMENTO

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA DE VIDA E
EXPERIENCIAS COM PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Memorial apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de grau no curso de Educação Física - Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. José Francisco Chicon

VITÓRIA-ES

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA**

A comissão examinadora, abaixo assinada, confere ao Trabalho de Conclusão de Curso

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA DE VIDA E
EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Elaborado por

THAMYRES DE SOUZA NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física para a Educação Básica.

Aprovado em 27 de Novembro de 2018

Comissão Examinadora



Prof. Dr. José Francisco Chicon (orientador)



Prof. Mestranda Fabiana Zanol de Araujo



Prof. Gabriela de Vilhena Muraca

RESUMO

O presente memorial tem por objetivo narrar e analisar a minha experiência de vida/formação no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA) ao participar da proposta pedagógica denominada: “Aprender brincando na brinquedoteca”. Para essa finalidade, lançamos mão do memorial (auto) biográfico, focando na memória formativa. Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes ou interessantes no âmbito de sua existência. Os resultados revelam que, o estágio no Laefa me proporcionou um novo olhar no contexto de pessoas com deficiência, visto que hoje, compreendo o compromisso que possuo com essa população e me encontro mais bem preparada para atuar com a Educação Física Adaptada em ambiente escolar e não escolar. Além disso, a mediação pedagógica na perspectiva da inclusão de crianças com e sem deficiência em um mesmo espaço, também tem sido uma importante aprendizagem na minha formação pessoal e profissional. Pude aprender e entender melhor a questão de promover uma maior equidade, pois cada criança tendo deficiência ou não tem as suas particularidades e potencialidades que podem ser exploradas e aprimoradas de acordo com o que cada uma precisa.

Palavras-chave: Educação Física Adaptada. Memorial. Formação. Inclusão.

ABSTRACT

This memorial aims to narrate and analyze my life / training experience in the Laboratory of Adapted Physical Education (LAEFA) by participating in the pedagogical proposal called: "Learning by playing in the toy library". For this purpose, we use the biographical (auto) memorial, focusing on formative memory. Like any autobiographical narrative, the memorial is a text in which the author makes an account of his own life, trying to present events to which he confers the status of most important or interesting in the scope of his existence. The results show that the stage at Laefa gave me a new look in the context of people with disabilities, since today I understand the commitment that I have with this population and I am better prepared to work with Adapted Physical Education in a school environment and not school. In addition, pedagogical mediation in the perspective of including children with and without disabilities in the same space has also been an important learning in my personal and professional formation. I was able to learn and better understand the issue of promoting greater equity, since each child having a disability or not has its particularities and potentialities that can be explored and improved according to what each one needs.

Keywords: Adapted Physical Education. Memorial. Formation. Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DURANTE O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	9
3 MINHA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NO LAEFA: JOGO, MEDIAÇÃO E INCLUSÃO.....	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5 REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Este memorial de formação tem por objetivo narrar e analisar a minha experiência de vida e de formação no Laboratório de Educação Física Adaptada do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (Laefa/Cefd/Ufes) ao participar da proposta pedagógica denominada: “Brinquedoteca: aprender brincando”.

Para esse propósito, lançamos mão do memorial (auto)biográfico, focando na memória formativa. O memorial de formação, segundo Passeggi e Barbosa (2008), é utilizado para designar os memoriais escritos durante o processo de formação inicial ou continuada e concebido como trabalho de conclusão de curso [TCC] no ensino superior. Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes ou interessantes no âmbito de sua existência (RAMOS; GONÇALVES, 1996). Neste estudo, a ênfase será dada no encontro da autora com o trabalho de estágio em extensão desenvolvido no Laefa, na realização de práticas pedagógicas inclusivas.

O memorial de formação é um documento que descreve o que a pessoa irá escrever sobre si. Segundo Carrilho et al. (1997), o memorial é um texto de caráter científico em que o autor descreve a sua trajetória formativa de forma crítica e reflexiva. Portanto, este estudo foi escolhido como um memorial de formação porque mostra as experiências que tive durante minha trajetória de vida no que se refere às situações que versam sobre questões relativas a diferença/diversidade e práticas de in/exclusão. São experiências que se fazem presentes no meu ambiente familiar, social e escolar, os motivos que me levaram a escolher a minha profissão, o trato com o conhecimento e as práticas corporais da Educação Física.

Podemos então definir o memorial como uma espécie de diário pessoal, no qual contamos nossas experiências, frustrações, aprendizados no decorrer do caminho, momentos nos quais fomos contemplados, momentos que não deram certo e que serviram de aprendizado para poder fazer melhor. Pode ser uma alternativa de mediação entre a história individual, social, profissional e pessoal.

Apropriar-se e pensar a formação, focadas nos memoriais, configura-se como fator para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam dimensões pessoais e profissionais da vida do sujeito, compreendendo as influências referentes às escolhas que são feitas no decorrer da vida. Só assim, analisando o percurso, no sentido de desvendar o profissional que nos habita e que desejamos ser, é possível conhecer a própria história e dar sentido às experiências vividas, conhecimentos e aprendizagens com as experiências.

A minha infância foi marcada por vários acontecimentos, o primeiro e um dos mais importantes a serem relatados é a questão do gênero. Todos nós sabemos o quanto uma menina é discriminada por gostar de algo que é de menino ou um garoto é discriminado por gostar de algo que é de garota, pelas convenções sociais, por exemplo, menina não poder brincar de futebol, porque popularmente, ainda, em muitos grupos sociais, o futebol é considerado esporte de meninos e, por sua vez, brincar de boneca, ainda é considerado brincadeira de menina. Até os oito anos eu fui criada pelos meus pais sendo ensinada que só poderia brincar de boneca, casinha, ou seja, coisas de “menina”, mas com o passar dos anos comecei a deixar esses brinquedos de lado e me interessei pelo futebol.

Historicamente, a mulher tem lutado por espaço na sociedade e no mundo esportivo, e mesmo com muitas mudanças, ela tem sofrido com preconceitos e estereótipos ainda presentes nos dias atuais (FARIAS; COELHO; CARDOSO, 2018).

Nas aulas de Educação Física na escola jogava com os meninos, porque as meninas não gostavam de jogar. Essa escolha teve implicação na minha relação com as colegas na escola, quando por vezes, ouvia murmurinhos do tipo: "Parece um moleque macho"; "Vamos jogar vôlei, pois é mais feminino". Essa escuta me abalou emocionalmente no início, mas logo me dei conta de que não deixaria que essas frases afetassem a minha escolha, pois, já concebia que jogar futebol não feria minha feminilidade. Problema maior, encontrei na relação com meus pais, quando o professor de Educação Física me convidou a participar da equipe feminina de futebol da escola.

Segundo Cardoso (2011), é importante discutir questões que relacionam preconceitos e discriminação da participação da mulher no esporte, principalmente porque estas questões surgem na esfera familiar e no âmbito social.

Meus pais, traziam em sua formação cultural essa ideia preconceituosa de que o futebol é esporte para meninos e não para meninas. Por isso, não queriam me permitir jogar na equipe da escola. Mediante minha insistência, consegui convencê-los a conversar com o professor na escola sobre o assunto. Na conversa o professor conseguiu esclarecer que o futebol era uma prática corporal comum a homens e mulheres, mas que por razões de preconceito, convencionou-se na cultura popular e nas práticas sociais que o futebol não era esporte para mulheres, mas com o passar do tempo teve uma aceitação melhor na sociedade, e assim o futebol feminino passou a ser visto com outros olhos.

Hoje em dia essa questão sobre o preconceito da mulher no futebol, está sendo quebrada, pois as mulheres estão cada vez mais conquistando seu espaço, se destacando no que fazem e na maioria das vezes, melhores que muitos homens que jogam futebol. Um exemplo claro é a Marta, jogadora de seleção brasileira que nesse ano ganhou o prêmio de melhor do mundo pela sexta vez, assim mostrando que as mulheres podem sim lutar pelos seus sonhos e mostrar para todos o que são capazes.

Segundo Goellner (2005), embora a mulher não tenha o mesmo incentivo e isto ela se refere desde a inserção das mulheres no esporte, a ampliação destas nas modalidades esportivas foi significativa para a criação de competições de grande porte destinadas apenas para o público feminino.

Com todos esses acontecimentos durante a minha infância, pré-adolescência e adolescência me fizeram pensar muito na minha escolha de vida. Até os 14 anos eu queria ser veterinária porque tinha uma paixão por animais e queria trabalhar para cuidar deles. Mas, quando comecei a estudar no ensino médio, meu pensamento começou a mudar, aquele amor pelo esporte falava mais alto dentro de mim. Resolvi, então, fazer escolha pelo Curso de Educação Física, pois além de gostar de esporte, tomei como exemplo, meu professor de Educação Física que também era meu treinador de futsal. Ele me inspirou a seguir minha carreira como professora, tendo a chance de trabalhar para a construção de uma Educação Física mais acolhedora e para todos, entendendo a diversidade presente nos espaços escolares.

Assim, ao final do terceiro ano do ensino médio, tomei a decisão de realizar as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), na direção de cursar na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o curso de Licenciatura em Educação Física, sonho que tive a oportunidade de ingressar no ano de 2013, no segundo semestre.

2 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DURANTE O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Minha graduação teve início no segundo semestre de 2013. Quando entrei na faculdade estava nervosa, porque não sabia muito bem o que me esperava pela frente, mas tinha certeza que não seria fácil. Tinha uma expectativa em que as aulas seriam bem dinâmicas, envolvendo aulas práticas, experimentações variadas, desde o começo, mas não foi assim que ocorreu, pelo contrário, as aulas no início foram bem teóricas, o que gerou em mim uma sensação de desencanto.

Passei o primeiro e o segundo semestre no curso angustiada, sem a certeza que tinha realizado a escolha certa na profissão. Mas, a partir do terceiro semestre do curso as aulas práticas, vivenciais começaram a surgir nas diferentes disciplinas, despertando em mim o interesse pelo curso novamente. Nas aulas teórico-práticas pude perceber o quanto o conhecimento se constrói nessa relação. Assim, passei a adotar uma atitude mais comprometida em relação ao meu processo de formação. Passei a dedicar mais tempo de estudo, a ficar mais curiosa em relação aos diferentes conteúdos transmitidos em um esforço de apropriação, pensando em melhor me preparar para o exercício docente, quando fosse o momento.

De acordo com Ghilardi (1998), tanto o conhecimento extraído das disciplinas “teóricas” quanto o conhecimento extraído das disciplinas “práticas”, devem servir para solucionar as questões pertinentes à Educação Física e sua relação com a atuação profissional nos seus diferentes espaços-tempos de trabalho, seja na área escolar, seja na área não escolar. Também é importante destacar na aceção desse autor que “[...] a dinâmica do conhecimento e da sociedade exige de uma profissão e de seus profissionais maturidade e responsabilidade, ou seja, que os profissionais tenham consciência da importância e da necessidade de uma atuação profissional fundamentada em conhecimentos científicos [...]” (p. 9).

Do quinto ao oitavo período tive a oportunidade que tanto ansiava, a trajetória pelo Estágio Obrigatório na Educação Básica. Nesse período tive a oportunidade de colocar em prática todo conhecimento adquirido no curso, nas diferentes etapas do processo de escolarização, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Para esse exercício docente era requerido conhecimento dos processos de aprendizado e de desenvolvimento humano, das metodologias de ensino e dos temas da cultura corporal de movimento como: jogos e brincadeiras infantis, lutas, dança, esportes, etc., dos processos de planejamento e avaliação das aulas e dos alunos, da discussão e atitudes para uma educação inclusiva, enfim, toda experiência prática e teórica internalizada no curso. Desse modo, ao realizar a experiência docente no estágio, fomos desenvolvendo a formação e a habilidade para atuar com as distintas etapas do processo de escolarização.

Uma outra disciplina que marcou minha trajetória acadêmica foi a de Educação Física, Adaptação e Inclusão. Nessa disciplina fui apresentada as pessoas com deficiência e transtorno global do desenvolvimento. Nela identificamos a trajetória que marcou o percurso histórico das pessoas com deficiência ao longo da história, passando pela exclusão total, na forma da eliminação, da segregação em instituições assistenciais e educacionais, pelo

processo de integração e, finalmente, nesse momento contemporâneo, vivendo a educação inclusiva. Além disso, visitamos a equipe de basquetebol em cadeira de rodas e tivemos a chance de experimentar essa modalidade em toda sua beleza, ainda tendo a chance de conversar com os atletas dessa modalidade, realizar experiências de elaboração de planos de aula com adaptação das atividades a possibilidade de participação desses indivíduos, exigindo criatividade e sensibilidade para o desafio de acolher a diversidade em situações de aula na escola e espaços não escolares.

De acordo com Chicon (2013), a inclusão escolar, em seu movimento, postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada.

Também podemos citar o Parecer nº 17/2001 que preconiza:

A inclusão escolar em vez de focalizar a deficiência da pessoa, enfatiza o ensino e a escola, bem como as formas e condições de aprendizagem; em vez de procurar, no aluno, a origem de um problema, define-se pelo tipo de resposta educativa e de recursos e apoios que a escola deve proporcionar-lhe para que obtenha sucesso escolar; por fim, em vez de pressupor que o aluno deva ajustar-se a padrões de 'normalidade' para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus alunos (PARECER 17, 2001, p. 13).

Desse modo é importante frisar que os professores precisam pautar sua ação docente no respeito e no convívio com as diferenças, preparando os educandos para uma sociedade mais justa e igualitária, contrária a todos os tipos de discriminação. Logo, disciplinas que abordam a questão da educação inclusiva são relevantes nos cursos de formação de professores, porque nas escolas o que vemos com frequência nos dias atuais, são alunos com algum tipo de deficiência. Assim, em meu modo de pensar, seria um avanço enorme se para aqueles casos de pessoas com deficiência que requerem mais ajuda no seu processo de escolarização, houvesse em sua classe dois professores para fazer a mediação.

Na maioria das vezes alunos com autismo, síndrome de Down, entre outras deficiências, ficam excluídos e não participam de atividades com os outros alunos, não porque eles não querem, mas sim porque não há uma mediação. Fiquei feliz quando visitei algumas escolas e vi que tinham profissionais realizando bons trabalhos, mostrando que o aluno com deficiência participa da aula, claro que cada um com sua limitação, por isso nós

como professores temos que ter muita atenção e muito cuidado ao fazer essa mediação respeitando o limite do aluno.

Rocha (2005) aponta que, diferentemente das mediações cotidianas, assistemáticas, pontuais e não intencionais, a mediação pedagógica apresenta, como especificidades, a intencionalidade e a sistematicidade nos processos de ensino e de aprendizagem. Esse tipo de mediação, característico do ambiente escolar, conta com processos de planejamento e ações intencionais e sistemáticas, de maneira a potencializar o desenvolvimento da criança. Dessa maneira, entendemos que a aprendizagem e o desenvolvimento dessa criança serão alargados em um espaço de interação inclusivo, compartilhando as experiências com outros indivíduos de seu universo de relações, mediadas pela ação intencional do professor.

Hoje em dia se eu tivesse com o mesmo pensamento de quando comecei a faculdade, não estaria me formando, porque a cada matéria, minha mente ia se abrindo, saindo da mesmice e daquele pensamento de que talvez não fosse dar certo. Mas agarrarei na minha confiança que eu poderia ser uma professora capacitada e com bons conhecimentos para passar tudo àquilo que eu aprendi. Só que um bom professor não só vive em função da matéria ofertada na universidade, tem que ir além e buscar outros conhecimentos em outras fontes.

O que me levou a escolher fazer esse memorial foi às experiências que tive com as matérias de inclusão, mas, principalmente, com o estágio realizado no Laboratório de Educação Física Adaptada, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo (Laefa/Cefd/Ufes). Iniciei minhas atividades voluntárias no Laefa desde o terceiro período, permanecendo ali inserida até o sexto período, ocasião que por indisponibilidade de tempo precisei me afastar, retornando a esse espaço novamente, nesse momento, por ocasião da escrita do Trabalho de Conclusão de Curso.

3 MINHA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NO LAEFA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

O Laefa em seu programa de extensão denominado “Práticas corporais de esporte e lazer para pessoas com deficiência e seus familiares”, abriga três projetos de extensão: a) Prática pedagógica de Educação Física adaptada para pessoas com deficiência; b) Brinquedoteca: aprender brincando; c) Cuidadores que dançam.

Iniciado em março de 2009, o projeto de extensão “Brinquedoteca: aprender brincando”, que nos interessa neste estudo, vem se configurando como um espaço significativo de intervenção pedagógica, formação profissional e de pesquisa no atendimento educacional de crianças com e sem deficiência em processo de inclusão. Nesse projeto são desenvolvidas duas propostas pedagógicas de ensino, a saber: brincando e aprendendo na brinquedoteca e brincando e aprendendo com a ginástica.

A experiência aqui relatada se concretizou no período de abril a julho de 2016, totalizando 12 aulas. Participaram do projeto 17 crianças de ambos os sexos, com idades entre 3 e 6 anos, dez do Centro de Educação Infantil Criarte-Ufes, seis com autismo e uma com síndrome de Down, oriundas de outros centros de Educação Infantil da Grande Vitória. As aulas foram realizadas na sala de brinquedoteca, ginástica e outros espaços lúdicos na Universidade. As intervenções eram realizadas todas as quintas-feiras das 14 às 15 horas. Logo após as aulas, das 15 às 17h30min, a equipe de trabalho se reunia para avaliação, planejamento e grupo de estudo (versando sobre conteúdos referentes ao eixo jogo, mediação e inclusão). Para o atendimento das crianças participaram 11 estagiários do Curso de Educação Física.

A brinquedoteca, localizada no espaço do Laefa é um ambiente rico em brinquedos e brincadeiras. O ambiente da brinquedoteca “[...] é um espaço criado para favorecer a brincadeira. [...] onde as crianças (e os adultos) vão para brincar livremente, com todo o estímulo à manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas” (CUNHA, 2001, p. 13). Nesse sentido, a intervenção é organizada em quatro momentos, a saber: o primeiro a roda de conversa inicial, em que ocorre um diálogo com as crianças e os gestores bolsistas do LAEFA sobre a aula anterior e sobre o tema da aula do dia. No segundo momento, é realizada a atividade dirigida, associada ao conto de uma história lúdica, no qual as crianças fazem as atividades propostas no contexto da história da aula, assimilando o "conto" com o "fazer". O terceiro momento é quando as crianças são incentivadas a explorar os brinquedos de maneira espontânea, a partir de seu próprio interesse. E por fim, no quarto momento, próximo ao término do atendimento, as crianças são estimuladas a organizar a brinquedoteca e novamente são chamadas a se posicionar na roda de conversa, para avaliar o realizado, as atividades, o momento de brincadeira livre e para dialogar sobre os temas das próximas aulas com os gestores.

No início das atividades do projeto, tivemos uma conversa inicial com o Professor Dr. José Francisco Chicon, quando ele explicou como era organizado o trabalho, caracterizou as

crianças atendidas e abordou a questão do planejamento de ensino. De acordo com a abordagem pedagógica crítico-superadora, o primeiro passo na ação pedagógica do professor a estruturação do programa de ensino a ser ministrado aos alunos:

O programa é o pilar da disciplina e seus elementos principais são: 1) o conhecimento de que trata a disciplina, sistematizado e distribuído, que geralmente se denomina de conteúdos de ensino; 2) o tempo pedagogicamente necessário para o processo de apropriação do conhecimento; 3) os procedimentos didático-metodológicos para ensiná-lo (SOARES et al., 1992, p. 61).

No início do atendimento as crianças na brinquedoteca fiquei com um pouco de medo e ansiosa porque ia ser minha primeira experiência com crianças em turmas inclusivas, que envolvem a participação de crianças com e sem deficiência interagindo no mesmo espaço tempo de intervenção. Fiquei com receio de não conseguir dar a aula, de ficar nervosa e de passar esse sentimento para eles. Mas, quando tivemos o primeiro contato com a turma e a aula foi se desenrolando, o sentimento de medo foi cedendo lugar ao sentimento de alegria pela realização da aula e manifestação de interesse das crianças. O processo formativo é constante e gradativo, cheio de idas e vindas, fazendo das diferentes experiências vivenciais instrumentos da ação docente.

Em uma aula resolvemos mexer com a imaginação das crianças e ao mesmo tempo trabalhar os aspectos psicomotores, elaborando um pique com base nos contos da literatura infantil. O pique foi denominado “leão dorminhoco”. Pique ao qual, o estagiário se fantasiou de leão, deitou em uma toca e fingiu estar dormindo, tendo as crianças a tarefa de acordá-lo, evitando que ele as pegasse, fugindo em direção a casinha construída para proteção (colchonetes no chão), onde o leão não podia pegar. Quando acontecia do leão pegar alguma criança, ele levava para sua toca, tendo os colegas a missão de libertar o amigo das garras do leão.

Nessa brincadeira as crianças se envolveram com muito interesse, pois estavam desafiadas a enfrentar o leão. No início da aula, quando as crianças acordaram o leão, nos deparamos com um problema: uma das crianças demonstrou medo e começou a chorar, fazendo com que a atividade fosse interrompida para acalmar o aluno. Tivemos que conversar com as crianças para apresentar o leão a elas, mostrando que era um dos professores e que, portanto, não precisavam ter medo.

De acordo com Chicon (2013, p. 83),

Em situações de jogo imaginário que envolva personagens que causam medo às crianças, como bruxa, feiticeiro, animais ferozes e outros, é prudente, quando se trata de crianças na faixa etária até os seis anos de idade, que a personagem seja mostrada para o grupo, antes que a brincadeira tenha início, evitando expor a criança a trauma, como ocorreu na situação descrita.

O episódio também revela como são ricas as situações acerca do imaginário infantil, articulando, num mesmo momento, a expressão corporal, a linguagem, os sentimentos e emoções, o espírito de aventura, a descoberta do novo.

Nessa intervenção com essa atividade, aprendi o quanto o jogo e a brincadeira são objetos importantes na realização da aula. O jogo e a brincadeira fazem parte do universo da criança e no projeto pude aprender como usar esses elementos para tornar a aula contextualizada e mais significativa para as crianças, fazendo elas se envolverem mais com a história lúdica contada.

As crianças nos agradeciam pela aula com palavras e abraços, perguntando se ia ter a brincadeira novamente. Para mim isso foi uma alegria, pois senti que não só eu, mas o grupo todo de estagiários passou uma imagem boa para as crianças, tendo em vista o carinho demonstrado por elas.

Essa situação envolvendo o pique Leão dorminhoco, me fez recordar de uma experiência interessante que aconteceu comigo quando participei dos trabalhos do Laefa no ano de 2014. Na ocasião, fui indicada pela equipe de trabalho do projeto para acompanhar uma das alunas do CMEI que apresentava uma escoliose (desvio lateral da coluna para a direita), necessitando usar um colete reparador, que às vezes limitava seu movimento corporal. Isabela (nome fictício) era uma menininha encantadora que ganhou a todos nós com o jeitinho dela de ser. No começo ela ficava com medo de realizar as atividades na brinquedoteca junto com os colegas e ficava junto a sua professora do CMEI que acompanhava a turma. Nesse caso, eu tinha por objetivo me aproximar dela de forma a constituir vínculo, ou seja, ganhar a confiança dela como parceira de brincadeira, para só então, procurar expandir suas possibilidades de brincar com os colegas e nos diversos cantinhos temáticos da brinquedoteca.

De acordo com o dicionário Michaelis (2018), o significado de vínculo é o que ata, o que tem capacidade de ligar afetivamente duas ou mais pessoas. De acordo com Lemos, Gechele e Andrade (2017), o vínculo surge mediante o contato afetivo e a sensibilidade dos pais, nos primeiros meses da criança, respondendo aos sinais e comunicações entre eles. Desse modo, ainda segundo os autores a forma com que os vínculos se constituem na criança,

formará um modelo interno com o qual ela irá estabelecer suas futuras relações e, nesse aspecto, o afeto é peça fundamental. O afeto na acepção de Vigotski (1997), é o que aumenta ou diminui a capacidade de nosso corpo para a atividade e obriga o pensamento a mover-se em um determinado sentido.

Dessa forma, iniciei o acompanhamento de Isabela no cantinho da casinha de bonecas onde a professora ficava com ela e comecei a participar da brincadeira iniciada por ela. A partir da brincadeira de faz de conta “mamãe cuida da filhinha”, na qual Isabela assumia o papel de mãe, a boneca o de filhinha e eu, de babá, pude participar da brincadeira ajudando a aluna a cuidar do seu bebe, organizando na cozinha a mamadeira e as roupinhas, para que Isabele vestisse a boneca e desse o alimento a ela.

Por meio das brincadeiras de faz de conta fui constituindo vínculo com Isabela, ganhando sua confiança e gradativamente passei a trazer outras crianças para brincar com ela. Da mesma forma, passei a incentivá-la a buscar outros cantinhos para brincar com seus colegas, expandindo seu campo de ação e interesse no espaço da brinquedoteca.

Segundo Elkonin (2009), o jogo protagonizado consiste na representação, por meio da brincadeira imaginária, de papéis sociais. Para esse autor, o jogo protagonizado reúne as principais características que fazem da brincadeira uma atividade propulsora do aprendizado e do desenvolvimento humano. Logo, à medida que a criança brinca, aprende a ser e a agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações práticas realizadas que os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas mais autônomas e complexas.

Ao me aproximar de Isabela pude aprender muitas coisas com ela, além de passar segurança para fazê-la confiar em mim,consegui com que ela perdesse o medo de brincar com a turma. Nessa experiência do exercício docente com essa aluna, aprendi várias coisas importantes no trato didático pedagógico, dentre elas destaco: a respeitar as diferenças, a ter paciência para esperar o tempo da criança, a entender que a brincadeira é uma ferramenta importante para a manifestação mais espontânea e criativa da criança, a perceber que o papel mediador do professor junto ao interesse da criança é fundamental para provocar seu desenvolvimento, enfim, a realizar uma escuta sensível das diferentes linguagens da criança.

No semestre de 2016-2, a equipe de trabalho do Laefa me informou que eu teria um novo desafio pela frente, dessa vez, eu iria acompanhar uma criança com diagnóstico de autismo. Recebi a notícia com um sentimento misto de medo e entusiasmo. Medo por se tratar de um caso ainda desconhecido para mim e entusiasmo pela chance de poder aprender a lidar, no papel docente, com uma tipologia que se constitui como um desafio ao trabalho de

qualquer professor/a, pelas características presentes no autismo como: dificuldade de comunicação e interação, restrição de interesses e de atividades (ORRÚ, 2007).

Quando fui apresentada ao Yago (nome fictício), ele reagiu me ignorando. No começo não queria me conhecer porque era acostumado com outra estagiária que o acompanhava. Essa reação dele já era esperada, o que me levava a agir como havia feito no trabalho com Isabela, me aproximar gradativamente a partir de seus interesses e aos poucos conquistar sua confiança. Nas aulas o Yago tinha uma pequena resistência em participar do trabalho desenvolvido com o grupo do CMEI, mesmo assim eu procurava incluí-lo no grupo, sempre conversando com ele, entregando um carrinho que gostava em sua mão e com isso conseguia manter sua permanência na atividade coletiva. Mas, nem sempre era assim, muitas vezes só conseguia prender sua atenção no momento coletivo por alguns minutos. Quando não se interessava em participar do grupo, fazia seu acompanhamento individualmente procurando compartilhar e estimular a atividade de seu interesse. Assim, ao mesmo tempo em que ele aprendia, eu aprendia com ele e me sentia muito feliz ao final do dia, sabendo que tentei dar o meu melhor, apesar de que, ainda tinha muito que aprender, porque a vida é um eterno aprendizado, às vezes achamos que sabemos de tudo, mas não, cada dia é um aprendizado novo.

Cabe destacar que para essas incursões juntos aos alunos com e sem deficiência sempre éramos orientados e ajudados pelos professores coordenadores do projeto e pelos bolsistas durante as intervenções e posteriormente no momento da avaliação e planejamento das aulas. Essa orientação nos passava segurança e ao longo do processo íamos encontrando a maneira de trabalhar com todos.

O momento de avaliação e planejamento era de grande importância, pois era quando se organizam as ideias e se relatava sobre as experiências vividas na intervenção com as crianças. Essa troca de experiências colaborava para o aperfeiçoamento da equipe tanto no campo pessoal quanto no campo profissional. Com isso se traçavam os objetivos a serem alcançados com as crianças do CMEI e com as crianças com deficiência/autismo, compartilhando as suas especificidades e as maneiras possíveis de se lidar com elas, focando em aspectos que necessitavam ser trabalhados em aula para alargar suas possibilidades de aprender, promovendo a reflexão do que fazer e como fazer.

Ao desenvolver esse trabalho de intervenção com as crianças com e sem autismo na brinquedoteca, eu reparava nos outros autistas presentes no ambiente, no comportamento de cada um deles e pensava: será que eu vou conseguir dar aula para crianças com esse grau de

comprometimento? Como responder no processo educativo a crianças com restrição de interesses e dificuldade de interação? E eu respondia para mim mesmo: não podemos ficar com esse pensamento pequeno de descrença no potencial humano, pelo contrário, temos que acreditar no potencial de todos, na capacidade de todas as pessoas de aprenderem. E o que temos que fazer como professores mediadores é sempre procurar aprender mais, para quando nos depararmos com crianças com e sem deficiência em algum outro lugar, principalmente na escola, sabermos como vamos fazer a mediação sem excluir qualquer criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assentindo com Heidegger (1987, p. 143), “[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer [...]”. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim modificados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. Com esse desfecho, afirmamos que as experiências obtidas no Laefa afetaram a todos que delas fazem/fizeram parte. Não somente por conta da temática trabalhada, que é complexa e de difícil acesso, mas também por outras experiências docentes, pelos conhecimentos movidos por outras disciplinas e principalmente pelas inquietações e reflexões deixadas por todos que fizeram e fazem parte dessa formação.

O primeiro dia em que tive contato com as crianças foi na brinquedoteca, lembro-me de sentir medo, timidez. Não sabia como intervir. Fiquei observando os professores e estagiários bolsistas e voluntários que já tinham contato com as crianças – como parecia fácil, pelo menos para eles eram. O verdadeiro desafio de aprender no processo de formação é pelo simples fato que aprender exige tempo, esforços, emoções, angústias quando se tem fracasso, timidez e, principalmente, o medo do novo. O estágio no Laefa é muito importante na vida acadêmica, pois é quando teremos que vivenciar a prática de todo conhecimento que vem sendo construído pela relação de ensino e de aprendizagem, professor e aluno. Para muitos o papel se inverte e isso muitas vezes é confuso, antes, a vida inteira aluno e agora professor. O conflito é outro, isso faz com que a experiência se torne cada vez mais interessante e agregadora. Esse estágio me proporcionou um novo olhar no contexto de pessoas com deficiência, visto que hoje, compreendo o compromisso que possuo com essa população e me

encontro mais bem preparada para atuar com a Educação Física Adaptada em ambiente escolar e não escolar.

Além disso, a mediação pedagógica na perspectiva da inclusão de crianças com e sem deficiência em um mesmo espaço, também tem sido uma importante aprendizagem na minha formação pessoal e profissional. Pude aprender e entender melhor a questão de promover uma maior equidade, pois cada criança tendo deficiência ou não tem as suas particularidades e potencialidades que podem ser exploradas e aprimoradas de acordo com o que cada uma precisa.

Começamos todo o trabalho sem saber ao certo o que fazer, mas cheios de vontade de aprender e nos desenvolver enquanto professores. Cada semana trazia certa novidade, pois não sabíamos ao certo como Isabela e Yago chegariam para os encontros nas aulas e o que nos reservava cada ação proposta a eles. Desse modo, podemos refletir sobre como foi prazeroso esse período que nos fez perceber a importância e a necessidade de cuidar de nosso processo formativo. E assim perceber que a gente forma e se forma ao formar, em um movimento de mão dupla.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 17, de 3 de julho de 2001**. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

CARDOSO, B. L. C. Jennifer Hargreaves: um estudo sobre mulheres no esporte. **Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 16, 1-9, 2011.

CARRILHO, M. F. et al. **Diretrizes para a elaboração do memorial de formação**. Metodologia do trabalho científico. Natal: IFP/URRN, 1997. Mimeo.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação e inclusão: um mergulho no brincar**. 2. ed. Várzea Paulista/SP: Fontoura, 2013.

CUNHA, N. H. da S. **Brinquedoteca um mergulho no brincar**. 3.ed. São Paulo: Ed. Aquariana, 2001.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=v%C3%ADnculo>. Acesso em 29 de abril de 2018.

ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Textos de Psicologia).

- FARIAS, Ana Carla da Rocha; COELHO, Nivalda Pereira; CARDOSO, Berta Leni Costa. **Questões de gênero no esporte: Uma luta fora das quadras.** Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/2017-S5A/02.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.
- GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz**, v. 4, n. 1, Jun. 1998.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **La esenciadelhabla.** Barcelona: EdicionaesdelSerbal, 1987.
- LEMO, S.C.A. GEHELE, H.H.L. ANDRADE, J.V. Os Vínculos Afetivos no Contexto de Acolhimento Institucional: Um Estudo de Campo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 33 pp. 1-10, 2017.
- ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docente.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- RAMOS, M. A.; GONÇALVES, R. E. As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e prática da supervisão. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão.** Portugal: Porto, 1996. p. 126-140.
- Rocha, M. S. P. M. L. **Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional.** Ijuí: Unijuí, 2005.
- SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: fundamentos de defectología.** Tomo V. Madrid: Visor, 1997.